



NO PINTCHA

ÓRGÃO DO MINISTÉRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3723

BISSAU

PRESIDENTE NINO VIEIRA RECEBE ENVIADO DO GABÃO



O enviado especial do Presidente Orsar Bongo do Gabão, senhor Emile Kassa Mapi, terceiro-Vice-Primeiro-Ministro da Função Pública e da Reforma Administrativa que efectuou uma visita de 24 horas ao nosso país, foi recebido em audiência pelo camarada Presidente Nino Vieira, tendo-lhe entregue uma mensagem do seu homólogo gabonês.

Em declarações ao NP o senhor Mapi informou que a mensagem situa-se na perspectiva da próxima cimeira da OUA e no quadro das relações bilaterais entre a Guiné-Bissau e o Gabão.

Por outro lado adiantou que uma das questões abordadas na mensagem relaciona-se com a confirmação, ao Presidente guineense, da candidatura do seu país no cargo de Secretário-Geral da Organização Continental, a examinar na próxima cimeira de Chefes de Estado, em Addis-Abeba.

LINHAS DIRECTIVAS DO PLANO QUADRIENAL

O Primeiro Plano Quadrienal de Desenvolvimento será orientado em três etapas sucessivas, segundo um documento apresentado pela Secretaria de Estado do Plano e Cooperação Internacional, aprovado pelo Conselho de Ministros na quinta-feira passada.

A primeira destas etapas é a estabilização económica, a qual tem por objectivo travar a degradação da situação económica do país; a segunda, irá sobrepor, em parte, a primeira, que será a de reequilíbrio económico e tem por finalidade restaurar a base económica do aparelho do Estado, reduzir os desequilíbrios fundamentais entre a produção e o consumo e a terceira e última etapa, prende-se a um desenvolvimento sobre uma base nacional, que seria caracterizada pela produção de um excedente que permitirá, numa primeira fase, reproduzir o capital produtivo.

CRIADA EMPRESA NACIONAL DE TURISMO

EMBAIXADOR DOS EUA ENTREGA CREDENCIAIS

(Ver pág-8)

A UDIB JOGA AMANHÃ

A UDIB está esperando num bom resultado apesar das armadas de que dispõe não possam ser assim tão fortes como as do seu adversário, e dos problemas que teve durante os seus preparativos para este encontro. O «Requins Atlantic» encontra-se entre nós desde sexta-feira à tarde, assim como o trio de arbitragem marfinense que apitará o desafio.

MDR PREPARA CAMPANHA AGRÍCOLA 83

O Ministério do Desenvolvimento Rural começou já os preparativos para a campanha agrícola 1983, em hora não se conhece ainda a data exacta do início da distribuição das sementes do arroz e da mancarra e de factores de produção às populações, devido à falta de gásóleo no país e de transportes (camiões e barcos).

O camarada Carlos Silva (Pepito) que fazia uma exposição na reunião da Comissão Inter-Ministerial da Segurança Alimentar, que teve lugar anteontem na Secretaria de Estado do Plano e da Cooperação Internacional, declarou que esperam terminar a distribuição da sementeira de 250 toneladas de arroz (200 toneladas seleccionadas e 50 normal) até 15 de Junho e, das 1 500 toneladas de sementes de mancarra, até fins de Maio.

Sendo as pragas responsáveis por 25 por cento de perda das colheitas, o MDR dispõe já de 600 pulverizadores e 300 atomizadores bem como 10 mil litros de pesticida. Há igualmente uma verba para compra de adubos que neste momento não existe no país.



Dos leitores

Escola de Peré Desleixo ou falta de controle?

Camarada director, venho outra vez ocupar a coluna dos leitores, no sentido de fazer com que seja desvendado a lamentável situação que ocorre com os alunos e professores da Escola do Ensino Básico Complementar Amizade Guiné-Bissau/Suécia (Peré).

Sendo antigo aluno da referida escola, afirmo claramente que nos tempos anteriores, mais concretamente do director Duko até ao director Parente, a escola estava totalmente organizada. Tudo em ordem.

As portas, as janelas, o pátio e as salas sempre bem lavadas pelos alunos das turmas que tivessem trabalho produtivo.

Eu escrevo para dar a minha contribuição a esta escola e o meu parecer (com o alerta desta carta), que penso ser idêntico ao de todos os bons alunos e amantes desta escola.

Como antigo aluno sou obrigado, pelo amor à escola, a deslocar-me muitas vezes até lá, mas cada vez que aí chego sinto logo tristeza. Isso, porque vejo tudo diferente. Tudo estragado e abandonado.

As janelas sem vidros (quase em todas as escolas), o pátio todo arrebitado e sempre poeirento.

Vi as crianças (alunos) urinando sobre as paredes traseiras, dantes bonitas e bem pintadas, tentei saber a razão daquilo: «Aqui, os nossos quartos de banho não funcionam». Foi a resposta de um pequenito que surpreendi... Mas será isso verdade? Os quartos de banho todos estragados? Como?

Com tristeza dei voltas à escola como se fosse eu o inspector do Ministério da Educação Nacional, por fim fui parar nos quartos de banho. Sabe o que lá encontrei? Realmente o pequenito tinha razão. Lavatórios, urinóis e autoclismos todos estragados e enfeijados. Para usar um lavatório seria o mesmo que lavar o chão todo, pois estavam partidos. Nenhum funcionava. Deve ser a razão porque transformaram o referido local para arrecadação de certos materiais (caixotes e geleiras).

Ainda mais à frente, nas salas de aulas, vi a maioria dos alunos permanecendo de pé, alguns sentados três a três em cada carteira, porque não havia carteiras suficientes para 32 alunos de cada turma, como vim a constatar depois.

Ficarei muito contente se o MEN, em particular a direcção da referida escola, tomassem em consideração este assunto que afecta todos os alunos e professores desta escola e que hoje é revelado por este observador curioso.

PAPAGAIO BARDADI NANQUE

CEDEAO: Comissões preparam Cimeira

A reunião do Conselho da Administração do Fundo e do Conselho de Ministros a nível da CEDEAO, realizada em Conakry de 3 a 7 do corrente mês, adoptou importantes resoluções que visam o reforço das relações de amizade e cooperação entre os Estados membros.

Com efeito, participou nesta reunião em representação do nosso país, o camarada Nicolau Ramos, director-geral das Alfândegas, que regressou na passada quarta-feira à capital.

Os trabalhos do Conselho Administrativo do Fundo foram consagrados à análise de vários projectos em curso e em que salientamos os das tele-

comunicações e da construção da sede da Organização no Togo que, segundo o memorando da construção, o Fundo actuaria como agente de execução. Foram apreciados igualmente os relatórios do controlador financeiro e do conselho fiscal.

Apesar de tudo, a desistência do Alto-Volta de participar no projecto das telecomunicações, dada a sua impossibilidade, foi o ponto mais importante discutido na reunião desse órgão onde ficou decidido que o director-geral do Fundo deverá negociar com as autoridades deste país acerca da necessidade da sua participação porque, caso contrário, po-

ria em causa, nesta primeira fase, os projectos da Costa do Marfim, do Togo e do Benin.

Dessa mesma reunião saíram ainda vários projectos de resoluções que serão submetidos à Conferência dos Chefes de Estado a realizar a 27 de Maio, em Conakry.

DO COMÉRCIO

Por outro lado, na reunião do Conselho de Ministros foram debatidas várias questões de interesse da comunidade, dentre os quais os relatórios do Comité Ministerial, do Comité dos Governadores dos Bancos Centrais; da indemnização de separação-rectificação e o da

aplicação sobre a livre circulação das pessoas e direito de residência entre os Estados da C.E.D. E.A.O..

Outro assunto que mereceu destaque foi o projecto da aplicação de um esquema único de liberalização das trocas dos produtos industriais originários dos Estados membros desta comunidade económica regional.

Em conformidade com todas as decisões e resoluções adoptadas durante estas reuniões, foi convocada uma reunião extraordinária do Conselho de Ministros para 25 de Maio, a fim de solucionar todos os problemas pendentes antes da Cimeira dos Chefes de Estado.

Combustível chega do Senegal

A situação que se previa, de um possível esgotamento do «stock» de combustível no país, será parcialmente solucionada com o envio de um carregamento que deverá chegar do Senegal ainda esta semana, o mais tardar até sábado, informou Carlos Gomes Júnior, director-Geral da Dicol, no seu regresso de Paris, na passada quarta-feira.

Esta importação, será feita ao abrigo da linha de crédito negociada aquando da visita do Primeiro-Ministro, Vic-

tor Saúde Maria, em meados de Março, à França, para cujo desbloqueamento havia todo um processo de equacionamento dos documentos, razão que motivou o atraso no fornecimento deste produto.

Entretanto, de acordo com o director da Dicol, dada a situação de emergência vigente no país, o nosso expedidor em França teve que autorizar o fornecimento através de Dakar, pelo que não há motivo para alarme.

JAAC no Congresso da Juventude Sueca

O Secretário-Geral da JAAC, camarada Teobaldo Barbosa, membro do CC do P.A. I.G.C., deixou Bissau na quarta-feira passada com destino à Suécia, a fim de assistir ao 34.º Congresso da Liga da Juventude Comunista Sueca, a realizar-se de 12 a 16 do corrente mês, em Estocolmo.

Momentos antes da partida, o Secretário-Geral da JAAC salientou aos órgãos de informação que este género de participação constitui uma sólida base do reforço das relações de ami-

zade e cooperação entre as organizações juvenis, e que, por outro lado, o convite formulado pela Liga representa o grau de confiança que norteia a Juventude Africana Amílcar Cabral e a Juventude Comunista Sueca.

Entretanto, vários contactos serão efectuados a nível da organização, sobretudo, com a juventude dos dois partidos em coligação no poder, nomeadamente o Partido Comunista e Social Democrático, afirmou ainda o camarada Teobaldo Barbosa.

Biombo: Seminário de quadros do Partido

Um seminário destinado aos quadros do Partido da região de Biombo será realizado de

30 de Maio a 18 de Junho próximos.

Com efeito, o presidente do Comité de Partido e Estado do sector

de Safim realizou uma reunião de esclarecimento com os militantes e simpatizantes dos comi-

tés de base das secções, onde abordou temas que se relacionam com a vida partidária.

Responde o povo

Que pensa da falta de transportes públicos urbanos?

Dado o agravamento cada vez maior da falta de transportes públicos urbanos, resolvemos fazer um registo de opiniões, para a nossa rubrica responde o povo, onde se pode, de facto, verificar a importância deste sector primário na vida quotidiana do público da nossa capital.

Entretanto, é de conhecimento dos utilitários destes transportes que a empresa Silô Diata envida neste momento todos os esforços para encontrar solução para esta situação mas que, segundo os entrevistados, não escapa à crítica, atendendo que todo o processo teve o seu desenvolvimento de raiz até ao actual estado de paralisia parcial.

José Augusto Pereira — funcionário público, morador no Bairro de Cuntum — «A falta de transportes públicos urbanos é um problema urgente que deve ser resolvido quanto antes. Sabe-se que quase a

maioria dos funcionários públicos reside fora do centro urbano, razão que os leva a utilizar muito estes transportes. E, por outro lado, é mais barato!

A Silô Diata precisa de reorganizar-se o mais

depressa porque, senão, a nossa economia de mealheiro vai tudo abaixo. Felizmente há os Renault que tentam remediar a situação mas que, dadas as limitações, qualquer dia estarão também parados por falta de peças.

Por isso, gostaria de saber se por acaso a empresa Silô Diata não previa esta situação de carência de materiais no mercado interno? E mesmo assim, qualquer compra requer um estudo da situação ou seja o estudo do terreno da sua utilização, esta é para mim o maior erro da

aquisição dos autocarros.

Augusto Fonseca — funcionário público, morador em S. Luzia —

«A situação dos transportes públicos tem estado a agravar-se ultimamente até ao ponto de pôr em causa a situação financeira de um indivíduo. Calcule que uma pessoa que mora por exemplo no Bairro de Ajuda e que naturalmente tem que vir todos os dias ao serviço e como não há agora os autocarros, tem que pagar quase constantemente por cada deslocação para o trabalho mais pesos evidentemente. Quantos seriam precisos ganhar pa-

ra aguentar tal despesa?

Sinceramente que nós os funcionários já estamos cansados com esta situação mas que compreendemos e esperamos que seja melhorada brevemente. Este meu breve apelo não significa obrigatoriamente a aquisição de novos autocarros, mas que sejam recuperadas pelo menos metade dos que estão avariados. A falta de organização, controlo e manutenção são os principais factores que levaram à queda da empresa Silô Diata.

Agostinho Fernandes — estudante, morador

no Bairro de Missirá — «A falta de transportes públicos urbanos na capital demonstra que a empresa responsável por este sector encontra-se completamente desorganizada. Porque, qualquer empresa bem estruturada, dificilmente depara com problemas deste género.

Não é concebível que se adquiram materiais sem as respectivas peças sobressalentes. A duração de qualquer material exige manutenção e esta só se faz com as sobressalentes.

Presidente efectua visitas surpresa

O camarada Presidente João Bernardo Vieira, efectuou na manhã de quinta-feira passada, uma visita surpresa à Base Aérea de Bissalanca, acompanhado dos camaradas Binhanquerem Na Tchanda, suplente do CC do Partido e João Monteiro, respectivamente chefe e chefe-adjunto da Casa Civil da Presidência da República, tendo iniciado a sua visita às instalações do Hospital Militar que funciona nesta localidade.

No Hospital Militar, o camarada Presidente foi recebido pela camarada Arlete Cabral, tendo de seguida visitado demoradamente todas as instalações desta unidade hospitalar, procurando inteirar-se das dificuldades que a mesma enfrenta e das perspectivas que existem para o seu melhoramento. Na sequência da sua visita, o Comandante Nino Vieira manteve diálogo com os

doentes ali internados, levando-lhes palavras de estímulo e de encorajamento, para um rápido restabelecimento.

Após esta visita, o camarada Presidente Nino Vieira dirigiu-se à Base Aérea Militar, onde foi recebido pelo seu respectivo comandante, 1.º Comandante Lamine Cissé, sendo por este acompanhado na visita que fez às diversas instalações desta importante unidade. O camarada Comandante-em-chefe procurou inteirar-se de todos os aspectos relacionados com as actividades políticas, técnicas e administrativas desta unidade militar.

Por outro lado, e após deixar a Base Aérea Militar de Bissalanca, o camarada Presidente do Conselho da Revolução fez uma outra visita aos serviços da Aeronáutica Civil, tendo aí constatado a ausência de muito pessoal, pelo que solicitou de imediato o livro

de ponto do referido serviço para conferir as presenças e faltas ali registadas. Seguidamente, percorreu demoradamente todas as dependências deste serviço, tendo-se detido particu-

larmente no Centro de Preparação da Aeronáutica Civil, onde lhe foi explicado o seu funcionamento e as excelentes perspectivas que elas abrem para o futuro da nossa aviação.

Reuniao do Secretariado da UNTG

Realizou-se na manhã da passada quinta-feira, na sede da UNTG, uma reunião do Secretariado Nacional Provisório alargada aos chefes de departamentos daquela organização sindical, presidida pelo seu Secretário-Geral, camarada Mário Mendes Correia.

Durante a reunião foram analisados vários problemas, nomeadamente o balanço das actividades desenvolvidas ao longo das comemorações do 1.º de Maio e a participação da nossa

Central Sindical na 35.ª Sessão da FSM (Federação Sindical Mundial), realizada em Chipre, e no 10.º aniversário da fundação de OUSA (Organização de Unidade Sindical Africana).

Ainda durante a reunião do executivo da nossa organização sindical, ficou marcada a data para a realização da 2.ª Conferência Nacional da União Nacional dos Trabalhadores da Guiné-Bissau, tendo a mesma ficado acordada para os dias 29 e 30 de Junho e 1 de Julho próximos.

Circuitos ilegais de comercialização

O Ministério da Segurança Nacional e Ordem Pública, através dos seus departamentos competentes, detectou a existência, no Ministério do Comércio e Artesanato, de circuitos ilegais de comercialização.

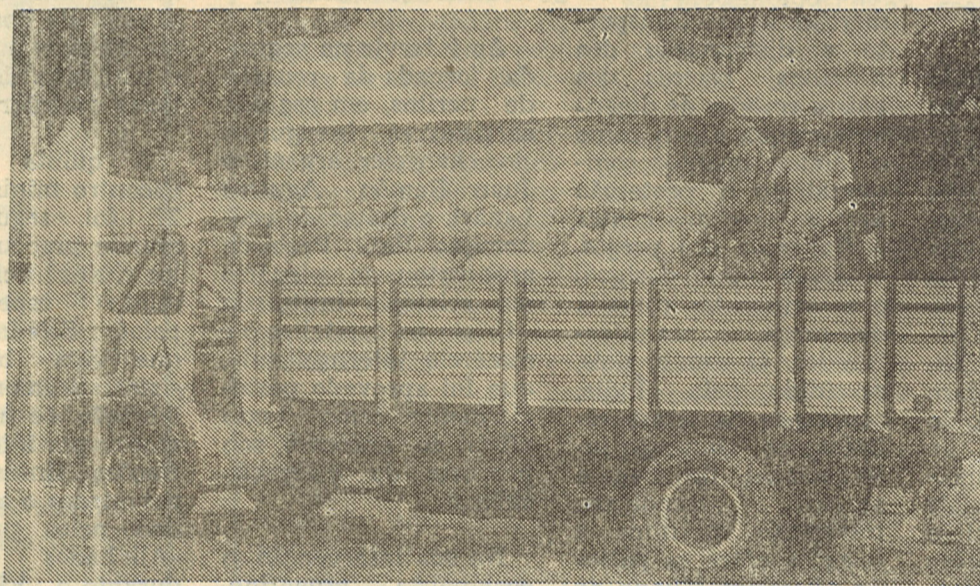
O facto, segundo o «Nô Pintcha» conseguiu apurar junto de fontes ligadas àquele Ministério, levou à detenção de alguns elementos suspeitos cujos nomes não foram revelados, encontrando-se em curso as averiguações para o apuramento das responsabilidades.

Palestra na Embaixada de Portugal

Terão lugar nos próximos dias 18 e 25 do corrente mês, na Embaixada de Portugal, duas palestras subordinadas aos seguintes temas: — «Métodos de Prospecção Geoquímicos aplicados à prospecção mineral», que terá como orador o dr. Motta Marques, e «Valorização de jazigos auríferos», apresentado pelo engenheiro Adriano Fernando Barros.

De acordo com uma nota enviada à nossa redacção, as referidas palestras, que terão início pelas 21,30 horas, no salão da biblioteca do Centro Cultural da que a Embaixada, serão de livre acesso a todos os interessados.

Guinégaz com dificuldades de vasilhame



A empresa Guinégaz tem vindo a atravessar grandes dificuldades na distribuição diária do seu produto, segundo se pode ler num comunicado daquela empresa chegado à nossa redacção.

Conforme o documento, as principais razões dessas dificuldades relacionam-se com a falta de vasilhames (garrafas), em maior parte no poder dos consumidores,

que as têm em grande quantidade sem as utilizar, provocando desse modo a deteriorização dos mesmos.

Em face dessas anomalias, a empresa nacional fornecedora de gás pede e agradece a boa compreensão do público consumidor ou não, mas que tenham garrafas a mais do que está no contrato, o favor de as devolver para a refe-

rida empresa.

Ainda a mesma empresa informa que em caso de dificuldades para a sua entrega, os interessados podem telefonar para o número 21 34 88.

Entretanto, a Guinégaz solicita aos consumidores que devem procurar fazer-se acompanhar sempre dos seus contratos no acto de levantamento do produto.

Farmácias

HOJE — Farmácia dr. João Soares da Gama — Bairro de Belém, telefone 21 34 73.

AMANHÃ — Farmácia Higiene — Rua António M'Bana, telefone 21 25 20.

SEGUNDA-FEIRA — Farmedi n.º 1 — Rua Guerra Mendes, telefone 21 55 15.

TERÇA-FEIRA — Farmácia Moderna — Rua 12 de Setembro, telefone 21 27 02.

Vicente Có:

Os quadros emigrados devem regressar à Pátria

O nosso entrevistado de hoje é Vicente Có, solteiro, de 24 anos de idade, estudante bolseiro do 4.º ano de engenharia de máquinas industriais na República Federativa da Nigéria. Como cidadão nacional, quis dar o seu parecer ao Nô Praça.

Ele afirma que devemos apoiar as nossas forças na agricultura como base do nosso desenvolvimento; que o desemprego é o pai do roubo, e apelou para que os nossos quadros emigrados regressem à Pátria onde poderão ser úteis, contribuindo ao lado do povo na sua reconstrução.

— Já concluiu os estudos?

— Não concluí ainda os meus estudos.

Vim passar as férias junto da minha família e do meu povo. Por outro lado aproveito a estadia para visitar as nossas indústrias para o meu futuro enquadramento.

— Interessa-se pela política?

— Eu nunca fui político, mas defendo a justiça social e os interesses do povo.

— Qual é a coisa que mais o preocupa neste momento?

— Neste momento penso somente em concluir os meus estudos e voltar à Pátria onde poderei ser útil, dando a minha contribuição na Reconstrução Nacional ao lado do meu povo que tanto amo.

— Lê o «Nô Pintcha»? Que mais gostaria de ler nele?

— Sim leio. Gosto mais de ler o «Responde o Povo», porque permite às pessoas expressarem o que sentem e pensam, dando deste modo o seu parecer que poderá valer também como orientação ao desenvolvimento nacional.

— O perigo de uma guerra atómica preocupa-o?

— Preocupa-me sim. Havendo guerra, o continente africano será a principal vítima. Daí, acho que os governos de todos os países devem esforçar-se ainda mais para anularem estes pensamentos maus que ameaçam a paz mundial.

— Qual o problema mais urgente a resolver no País?

— É a agricultura, onde devemos depositar as nossas forças. Porque um povo sem alimento não é um povo livre. E o Governo deve apoiar muito aqueles agricultores de boa-vontade que mostram interesse de trabalhar mas sentem falta de meios.

— Como acabar com o roubo?

— O desemprego é o pai do roubo. Acho que se houvesse emprego para toda a gente, talvez essa prática seria banida. E neste sentido, peço aos jovens que não fiquem de mãos cruzadas criticando o Governo pela falta de emprego, porque mesmo apanhar areia e vender é um trabalho que dá dinheiro, quanto mais pegar no arado e lavar os produtos de primeira necessidade.

Muitas vezes um indivíduo passa fome e rouba só porque desprezou certos empregos ou sentiu vergonha de se ocupar em certo trabalho.

— Tem algum apelo a fazer?

— Sim tenho. Que todos os quadros já formados e que se encontram noutros países, venham à Pátria para contribuirem na Reconstrução Nacional. Porque só pegando também com as nossas próprias mãos é que podemos desenvolver o nosso País como os outros povos.

Também os que ainda estudam que se esforcem mais, aproveitando no máximo as experiências estrangeiras que poderão ser úteis.

Eu fiz este apelo porque, por ordem do Ministério da Educação Nacional, visitei quase todas as empresas industriais do País, e o que mais constatei e que me criou grande tristeza é a falta de quadros nacionais. Só cooperantes na maioria deles. Os nossos quadros no estrangeiro que regressem à Pátria. A Reconstrução Nacional espera-nos e exige de todos um pequeno sacrifício.

Campanha de comercialização não corre ao bom ano agrícola — Constata a Comissão de Segurança

A campanha de comercialização feita principalmente pelos Armazéns do Povo e a Socomin não correspondeu ao bom ano agrícola de 1982, constatou a Comissão Inter-Ministerial de Segurança Alimentar numa reunião que teve lugar anteontem à tarde na sala de reuniões da Secretaria de Estado do Plano e da Cooperação Internacional, presidida pelo responsável deste Departamento, camarada Luís Sanca.

O camarada Carlos Silva, director-geral do Depa (Departamento de Experimentação e Produção de Arroz) do Ministério do Desenvolvimento Rural fez um pequeno resumo sobre a

campanha agrícola 1982, tendo informado que a produção da mancarra e do arroz atingiram no ano passado cifras «records», podendo considerar-se de «excelente» o último ano agrícola. Só a produção do arroz anda à volta das 100 mil toneladas.

Entretanto, segundo confirmaria o representante dos Armazéns do Povo, presente à reunião, neste momento só foram comercializados no Sul (celeiro do país) apenas 800 toneladas de arroz, contrariamente o que acontece mesmo nos maus anos agrícolas, em que a comercialização deste cereal naquela zona é aproximadamente de oito mil toneladas. Chegou-se à conclusão

que há muito arroz não comercializado ou vendido extra-curcuído do Estado, ou então evacuado clandestinamente para fora do país.

O responsável dos AP diria ainda que esta campanha agrícola foi preparada com «muita antecedência e com seriedade, os produtos foram encomendados a tempo mas, houve problemas de transportes e da falta de divisas».

Algumas mercadorias de que o camponês necessita devem chegar brevemente ao país, nomeadamente tabaco, encomendado no Malawi.

Por seu turno o camarada Pepito informou que por parte do MDR não houve queixas em relação às sementes dis-

tribuídas, o material agrícola foi entregue em quantidade suficiente e as chuvas beneficiaram-nos.

A comissão chegou à conclusão de que os esforços dos camponeses não foram beneficiados com uma boa campanha de comercialização, que há uma grande necessidade de adoptar os Armazéns do Povo e a Socomin de meios e estruturas adequadas na época da campanha agrícola, principalmente na linha fronteiriça, para evitar o fuga dos nossos produtos e que a campanha de explicação lançada pelos nossos dirigentes que visitaram ao longo do ano o interior do país, teve um papel importante no au-

mento da produção. Constatou-se igualmente que não existe na prática um plano eficaz de distribuição de produtos de primeira necessidade nas regiões. «A partilha faz-se mais à base da capacidade de estabelecimento do que das necessidades populacionais».

Na reunião os presentes analisaram ainda as recomendações da Comissão Inter-Ministerial da Segurança Alimentar sobre a campanha de comercialização de produtos agrícolas incluídas num memorando e o camarada Ibrahim Dieme, responsável do Gabinete de Planificação e Segurança Alimentar apresentou um relatório sobre

a recente viagem de estudo organizada pela FAO, que efectuou a Níger, Tunísia e Romão, onde constatou a realidade desses países não que respeita a problemas de segurança alimentar.

Na mesma reunião o camarada Pepito fez um resumo dos resultados da Oitava Sessão da Comissão de Segurança Alimentar Mundial que se reuniu de 13 a 20 de Abril último, em Roma.

Carlos Silva informou que a produção de cereais a nível mundial aumentou de maneira considerável este ano, excepto nos países do Sahel mas que tem os seus aspectos negativos porque os EUA (o maior produtor mundial) deci-

Grupo dos 77 e a Nova Ordem Económica Internacional

Pela primeira vez, as 125 nações em vias de desenvolvimento enfrentam o diálogo com os países industrializados na próxima VI Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD) com uma plataforma única, cujos pedidos e propostas correspondem à concepção estratégica de luta pela Nova Ordem Económica Internacional aprovada na VII Cimeira do Movimento dos Países Não-Alinhados.

Reconhecido até pelas agências ocidentais de notícias e confirmado pelas declarações do actual Secretário-Geral da UNCTAD, Gamani Corea, o aspecto mais característico da quinta reunião ministerial do Grupo dos 77 foi a unanimidade com que se aprovaram os documentos que contêm a avaliação da grave crise económica mundial e a plataforma de luta dos países em vias de desenvolvimento com vista ao fórum universal convocado pelas Nações Unidas para os primeiros dias do próximo mês de Junho em Belgrado, capital da Jugoslávia.

Durante duas semanas, o Centro Cultural San Martín da cidade de Buenos Aires acolheu mais de 600 dele-

gados de 106 países — dos 125 que integram o chamado Grupo dos 77 — que cumpriram uma vasta agenda de trabalhos, antecedida de uma reunião de peritos e altos funcionários, de 28 de Março a 4 de Abril, e que resultou na aprovação de umas 20 resoluções e quatro documentos principais.

O CONSENSO DE BUENOS AIRES

O encontro dos países do Terceiro Mundo na capital argentina foi precedida por reuniões promovidas por grupos regionais da África, Ásia e América Latina nas respectivas cidades de Libreville (Gabão), Bagdad (Irão) e Cartagena (Colômbia). Estes encontros facilitaram o consenso alcançado em Buenos Aires ao comprovar-se a coincidência dos principais problemas económicos que afectam as nações em vias de desenvolvimento dos três continentes e identificar como o principal inimigo comum, provocador dos seus males, o injusto sistema económico internacional existente e que lançou o mundo na sua mais grave crise dos últimos 50 anos.

Sob a presidência da Argentina, na sua qualidade de país sede, e

com oito vice-presidências (Cuba, Costa de Marfim, Etiópia, Gabão, Iraque, Paquistão, Singapura e México), as tarefas dos peritos e altos funcionários foram canalizadas através de três comités, uma dezena de comissões, três grupos regionais e um comité de redacção.

O comité presidido pela Nigéria, abordou os problemas de comercialização, transporte e distribuição dos produtos básicos dos países em vias de desenvolvimento, assim como o financiamento compensatório e protecção desses produtos contra a flutuação dos preços, o intercâmbio desigual e a crescente carestia dos produtos manufacturados. O comité dois, presidido pela Índia, ocupou-se de temas relativos ao comércio internacional de bens e serviços, tecnologia, transporte marítimo e relações entre os países do Terceiro Mundo de sistemas económicos e sociais diferentes.

O comité três, presidido pela Jamaica, debateu os candentes problemas monetários e financeiros do mundo em desenvolvimento, em particular a pesada dívida externa, a necessária reforma das instituições existentes e os problemas causados

pela baixa do preço do petróleo. Por último, o comité de redacção, sob a presidência de Argélia, encarregou-se de elaborar os documentos conceptuais sobre a avaliação do actual momento da economia mundial e a cooperação entre os países em desenvolvimento.

CRISE DO CAPITALISMO E COMÉRCIO INTERNACIONAL

Ao intervir na segunda jornada da reunião de peritos, em seguida às palavras inaugurais do chanceler argentino Juan Ramón Aguirre Lanari, o destacado economista Raúl Prebisch apresentou ao plenário um relatório intitulado «Crises no capitalismo e comércio internacional», que foi aprovado posteriormente como texto oficial do encontro, sob proposta da delegação cubana.

Na sua intervenção, o economista argentino, que foi o primeiro Secretário-Geral da U.N. C.T.A.D., pronunciava-se pela revisão do chamado sistema de Bretton Woods — implantado no início do pós-guerra — que outorga ao dólar o papel de moeda de base nas finanças internacionais.

Depois de definir a actual crise como estru-

tural nas práticas e nas ideias económicas convencionais, Prebisch pronunciou-se pela austeridade dos países que ele chama «favorecidos», a fim de elevar a acumulação, o emprego e o consumo dos «desfavorecidos», acrescentando, em relação à dívida externa, que era «um acto de elementary prevision chegar a um programa de prolongamento adequado dos prazos de pagamentos até 30 anos e uma forte e paulatina descida das taxas de interesse».

A quinta edição do encontro ministerial dos 77 foi seguida com grande preocupação pelos meios ocidentais e, muito especialmente, pelos Estados Unidos que vêm bloqueando sistematicamente a celebração de negociações globais por iniciativa das Nações Unidas, como patenteara o apelo acordado pelos países Não-Alinhados em 1979, durante a VI Cimeira de Havana, e como foi acordado mais tarde, durante a 34.ª sessão da Assembleia Geral da ONU, ao aprovar, por consenso, a sua resolução 34/138 em que oficialmente se convocava a celebrar as mesmas como aspecto essencial na estratégia do Terceiro Decénio das Nações Unidas para o Desenvolvimento».



Milhões de crianças de

Com efeito, o principal dos quatro documentos aprovados na reunião dos 77, a denominada «Plataforma de Buenos Aires», ractifica a avaliação contida na Declaração Económica da VI Cimeira sobre a grave e urgente problemática económica internacional. Tendo em conta que os países não-alinhados constituem 90 por cento dos que integram o Grupo dos 77, os seus documentos programáticos que constituem a estratégia sobre os países em vias de desenvolvimento assentam o seu programa de acção e elaboram as suas propostas negociadoras

Respondeu

Alimentar

diram diminuir o espaço de produção.

Concordaram ainda naquela reunião de Roma que as despesas militares continuam a ser 20 vezes mais do que o orçamento destinado a ajudar os países em desenvolvimento.

CAMPANHA AGRÍCOLA 83

Sobre os preparativos da campanha agrícola 83, o representante do MDR indicou que dois aspectos bloqueiam neste momento a distribuição de sementes do arroz e da mancarra aos camponeses, a saber: a falta de transportes e de combustível. Entretanto os factores de produção existem em quantidade suficiente.

Pensa-se, por outro lado, que toda a distribuição das sementes da mancarra será feita até fins de Maio e do arroz, até 15 de Junho.

Ainda sobre este aspecto, o representante dos AP sublinharia que «a nossa preocupação actual não é preparar a campanha de 1983, mas sim conseguir meios para evacuar os produtos agrícolas dos centros de produção para Bissau».

No final da reunião, a comissão decidiu criar um grupo de trabalho com a finalidade de elaborar um relatório dos problemas e objectivos da Planificação e Segurança Alimentar e apresentar posteriormente ao Conselho de Ministros.



Terceiro Mundo são vítimas do subdesenvolvimento

com os países industrializados, utilizando para levá-las à prática a organização criada em 1964 para fortalecer as suas posições no seio das instituições que integram o sistema das Nações Unidas.

A declaração política da «Plataforma de Buenos Aires» é a primeira das três partes que integram o texto, e a única que não é negociável, conforme precisou o próprio porta-voz da conferência. A segunda parte é «um mandato negociador» que expressa o propósito de buscar o consenso com os países desenvolvidos so-

bre os principais problemas económicos a partir de soluções justas e equitativas. Este mandato fixa a estratégia e elementos a negociar com vistas a adoptar na VI UNCTAD um programa que abarce simultaneamente a reactivação económica e um urgente auxílio aos países menos dotados. O terceiro aspecto compreende os projectos concretos sobre cada um dos temas que se discutirão de 6 a 30 de Junho próximo na capital jugoslava.

(Continua no próximo número)



O IV Congresso do Partido-Frelimo é um marco decisivo no processo revolucionário moçambicano

Moçambique: Inimigos internos e externos

Em muitos aspectos, os problemas que Moçambique enfrenta no seu processo de reconstrução nacional são idênticos aos da Guiné-Bissau.

Têm em comum a pesada herança dos séculos de negligência colonial: analfabetismo da maioria esmagadora da população, e uma economia atrasada e deformada.

Na alvorada da libertação, os seus responsáveis arcaram com a responsabilidade de dirigir uma administração com escassos recursos financeiros e uma economia privada de técnicos e infra-estruturas.

Os primeiros anos da independência viram o choque de dois sistemas antagónicos de organização da sociedade, assim como o surgimento de novas contradições sócio-económicas e políticas. A desarticulação do circuito comercial, a desorganização do abastecimento, a extrema austeridade no consumo, o racionamento, a apatia política preocupam tanto os moçambicanos como aos guineenses. Lá, condena-se a «candonga», aqui criticam-se os «djilas» e as «bideiras».

Contudo, apesar destes paralelismos, a crise que os dois Estados atravessam não é a mesma. Por várias razões, assume, em Moçambique, uma dimensão mais dramática, portanto, ali a luta é hoje mais difícil.

Em Moçambique, houve o problema da terra. O êxodo rural não é um fenómeno recente. O camponês, mesmo antes do início da luta armada de libertação, foi despossuído de suas terras. Os colonatos eram instalados nos melhores terrenos. Os colonos portugueses e seus consideravam que o país lhes pertencia, do mesmo modo que os seus vizinhos boers e rodesianos se comportavam na África do Sul e em Salisbúria.

Por outro lado, o processo de formação de uma burguesia africana estava mais avançada.

Outro factor, talvez o mais essencial, explicativo das actuais dificuldades da revolução moçambicana, é o contexto geo-político em que se encontra.

Depois da luta contra o colonialismo português veio a agressão rodesiana, e agora o país enfrenta a guerra não declarada, imposta pelo

regime racista de Pretória que, além de utilizar os renegados moçambicanos do RNM, realiza frequentes incursões e sabotagem no território da República Popular de Moçambique.

Nesta confrontação ideológica — entre a via socialista moçambicana e o sistema capitalista personificado pelo «apartheid» — a África do Sul não utiliza só meios militares. Organiza também um boicote minucioso à economia moçambicana, a fim de provocar o seu fracasso, o que equivaleria (segundo os planos de Pretória) a um falhanço do regime instaurado pela Frelimo, regime este que já obtivera algumas vitórias, em particular no campo social e de consolidação do poder popular.

No entanto, consciente ou inconscientemente, há moçambicanos que servem de aliado ao inimigo sul-africano. São os comerciantes desonestos, os contrabandistas, os funcionários corrompidos, chamados os inimigos internos, os bandidos desarmados que, aproveitando as fraquezas do regime e infiltraram no aparelho de Estado.

Aurélio Manhiça, um delegado da província de Maputo, denunciou estes inimigos internos no decurso do IV congresso, tomando o exemplo do «candongueiro» de camarão na Beira (segunda cidade, situada no centro de Moçambique), que enviava este produto estratégico para a capital, e dali o fazia sair ilegalmente para fora do país.

«O camarão vinha da Beira para o Maputo nos nossos aviões, era armazenado nos nossos frigoríficos seguia com documentos e tudo para fora do país. Ninguém vê isto? O que se passa com o nosso aparelho de Estado? Quando chega a sair um camião cheio de produtos dos Caminhos de Ferro de Moçambique (CEM) os autores do roubo são detidos e passados dois meses estão cá fora em liberdade, o que isso significa? — perguntou o delegado Manhiça.

Para o presidente moçambicano Samora Machel, é aquela mão-de-obra que não trabalha «onde devia estar é que produz a fome nas cidades e cria campo para a candonga».

Próximo artigo: QUE ALTERNATIVAS?

No jogo de Lomé: Factores extra-futebol eliminaram equipa nacional

Jogo no estádio Eyadema, em Lomé. Árbitro; Adjovi Dieudonné, auxiliado por Akrombessi Raymond e Louis Stephan, todos da República de Benin.

TOGO — Assogba; Sanounou, Alassan, Kodjovi (cap.) e Wazo; Dos Reis, Rafiou e Mensah depois Aboulassi aos 83mn, Sunu, Dosseh e Da Silveira.

GUINÉ-BISSAU — Bracia; Mussá, Cláudio (cap.), Pedro Una e João Domingos; Fanfali, Gomes e Arnaldo depois Agostinho aos 84 mn; Ciro depois Danar aos 80 mn, Biri e Vieira. Suplentes não utilizados: Justino, Maio e Sori.

GOLOS: aos 5 mn Rafiou faz 1-0 na transformação de penalti; aos 19 mn 2-0, golo de Sanounou e aos 25 mn, Sunu fixa a contagem em 3-0.

Cartão amarelo para Biri, Vieira e Pedro Una.

Uma autêntica bloqueio. A pressão psicológica no melhor estilo dos anfitriões, aliada a actuação «mecânica», quase «computorizada» do juiz da partida que, até diríamos, soube «cumprir o seu contrato», fizeram com que tudo fosse adversa ao onze nacional no decorrer dos noventa minutos do jogo. Com efeito, o estádio Eyadema, completamente cheio de um público fanático, incitado pela imprensa local, esteve constantemente a apoiar a equipa local pois, era uma «questão nacional», eliminar o adversário.

25 MINUTOS ESCANDALOSOS

A partida começou com um sinal de perigo na grande área adversária, numa incursão de Ciro pelo flanco direito. Bastou, no entanto, esse sinal para que as preocupações «caseiras» do juiz da partida entrassem em acção. A anti-arbitragem passou, a partir daí, a ditar as leis. Os togolezes só precisavam atirar-se ao relvado ou simularem lesões em jogadas de bola dividida para que o árbitro apitasse falta contra os guineenses. Rafiou que cedo se aper-

cebeu das facilidades que o homem do apito propusera conceder-lhes ensaiaria a fita no minuto 4. Depois de penetrar na zona de rigor, desferiu um remate que saiu torto. Acto contínuo: deixou-se cair no relvado. E depois? Depois, foi a grande penalidade que o árbitro decidira premiar a fita, transformada pelo mesmo jogador, minuto depois. O caminho para o escândalo estava agora completamente livre.

Com um futebol incharacterístico, em que na maioria das vezes a violência foi suporte, com os jogadores togolezes a beneficiarem-se da «muletta» do árbitro Adjovi. Não é nosso hábito fazer do juiz da partida vítima deste ou daquele fracasso de qualquer equipa que seja, e muito dificilmente pactuamos com os que procuram sempre esse tipo de desculpa fácil, porque os homens vestidos de negro (a maior parte deles cidadãos honestos e respeitados) têm em qualquer situação que seja, missão espinhosa sobre os seus ombros. Por isso, merecem muito respeito da nossa parte. Só que, os critérios do juiz da partida de Lomé, deixam

envergonhados todos aqueles que muito honestamente, procuram servir o desporto em todo o mundo. Para além dos factos atrás citados, Adjovi, foi ainda capaz de cortar torto e a direito, com apitadelas desnecessárias, jogadas ofensivas da equipa nacional, sobretudo nos minutos iniciais. Falando do jogo-jogado, há a

Os togolezes apoiados pelos «supporters» («claquéros»), viriam a conseguir, aos 19 mn, na sequência de um cruzamento de Da Silveira, no corredor esquerdo do seu ataque, o segundo tento, por intermédio de Sanounou. Para já foi o único golo legal da partida, isto em abono da verdade. Pedro Una e Cláudio,

rígido imposto aos técnicos Ciro e Gomes. O primeiro, muito encostado à linha e com função de vigiar Wazo, não conseguia desbobinar nenhuma jogada no flanco direito do nosso ataque, sucedendo o mesmo a Gomes, a quem cabia travar a acção de Rafiou. Dois jogadores não habituados a marcar em cima, sacrificados, diga-

de cima para baixo, tendo o esférico sido repellido «in extremis» para fora, pelo guarda-redes Assogba. A entrada do último quarto de hora, houve uma ligeira recuperação da equipa nacional. Algumas jogadas inicialmente cortadas são agora consentidas pelo árbitro, o que permitiu que o perigo rondasse mais vezes a baliza de Assogba. Aos 43 mn, Fanfali teve uma abertura, mas optou por rematar à primeira, obrigando apenas ao guarda-togolês estirar-se e desviar a bola para além da linha final.

GOLPE DA MISERICÓRDIA

No reinício da partida, a caravana desportiva guineense ficou escandalosa: o árbitro Adjovi reentrou no terreno de jogo de braços dados com o capitão Kodjovi e seus auxiliares no meio da equipa adversária. Entretanto, com a rédea solta, o público teve durante 30 mn da segunda parte a oportunidade de ver evoluir o onze nacional, livre da pressão do árbitro, do esquema e disposição tácticas, tardiamente desmanteladas. Aos 77 mn, Ciro, ao tentar o remate com o pé direito, na sequência de um cruzamento perigoso para a área, feito por Vieira, foi travado em falta pelo capitão da equipa togoleza Kodjovi. Um penalti não assinalado. No entanto, aos 85 mn, Dos Reis ensaiou uma penetração na grande área e ao perder o controlo do esférico atirou-se para o relvado. E a grande penalidade é assinalada, tendo Bracia impedido a sua concretização com uma belíssima defesa que arrancou aplausos do público local.

Declarações

Para Cipriano Jacinto, «não havia hipóteses de passarmos a eliminação, pois que o juiz da partida assim entendia, facto compreensível para quem anda no futebol. Agiu de forma premeditada e, em todos os meus anos de futebol, nunca presenciei uma arbitragem tão tendenciosa como esta. Uma anti-arbitragem no seu grau máximo».

A euforia pairava na cabina togoleza no fim do jogo. O treinador oeste-alemão do onze nacional togolês, Koeller, muito satisfeito afirmou-nos: «Vencemos com mérito. Fomos superiores ao adversário». Solicitado a pronunciar-se sobre a legalidade dos golos da sua equipa, o treinador togolês emudeceu. Da insistência da nossa parte sobre a actuação do juiz da partida, um sorriso amarelo desenhou-se no semblante e escudou-se: **Je ne suis pas entraîneur** (Não sou eu o treinador).

Por outro lado, o camarada Pio Correia, chefe da delegação guineense, abarcou o aspecto técnico do encontro pela planificação montada e do clima hostil que rodeava a turma nacional após o jogo, dizendo que: «Foi um esquema bem montado. Erros de facto existiram e, é possível... (?) estava tudo consumado e não havia hipóteses de que saíssemos bem com um protesto do jogo».

referir que a turma nacional esteve emparedada no seu meio-campo. O sector defensivo tentou afastar o perigo com pontapés longos, servindo, embora intencionalmente, os seus companheiros do ataque. Estes apanhavam em contrapé os contrários, balanceados no ataque, mas os juizes de linha lá estavam para cortar as jogadas, através de fora-de-jogo, muitas vezes mal assinaladas. Parece inacreditável, mas é verdade, houve muitas jogadas ofensivas da nossa turma que chegaram a ser cortadas pelo árbitro na linha divisória do terreno, só porque um jogador togolês ao disputar a bola, ficou estatelado no chão...

foram apanhados em contrapé nesse lance. Aliás, o mesmo sucedeu a João Domingos. Dizíamos que esse tento foi o único que teve mérito de ser legal, pois que o terceiro foi obtido em nítida posição de fora-de-jogo. Rafiou, em posição irregular, capta o esférico e depois de galgar uns metros, faz um cruzamento que Sunu aproveita de cabeça, fazendo a bola entrar no lado direito da baliza à guarda de Bracia.

Após o terceiro golo, o onze nacional continuou a lutar pelo comando do jogo. Houve até aí uma disposição táctica que não surtia o efeito esperado, mas, os técnicos nacionais não remodelaram o esquema

-se de passagem, ingloriamente, em missões que podiam muito bem ser desempenhadas por outros elementos, nomeadamente Mussá, especialista na missão confiada ao jogador bafatense. João Gomes, por seu turno, era bem capaz de fazer, a contento de todos, o lugar de Mussá, em detrimento de um ou outro jogador. Para já, este terá sido o erro crasso cometido pela equipa (técnica) nacional.

O segundo sinal de perigo causado pelos nossos rapazes verificou-se no minuto 27, na sequência de um cruzamento por alto de Arnaldo, fazendo a bola cair na área, onde apareceu Gomes a cabecear

Comentários da imprensa

A mobilização do público mereceu as atenções do jornal, da rádio e da televisão. Na edição de sábado, o «La Nouvelle Marche» tornava público na sua página desportiva o apoio do governo. Um de 1 milhão e 650 mil francos CFA—204 mil pesos—para os jogadores togolezes em caso de eliminarem a Guiné-Bissau, além de outros prémios (50 mil Cfas), oferta de «claquéros» mais dedicados. Na edição de segunda-feira, «La Nouvelle Marche» fazia na sua página desportiva uma apreciação tendenciosa e insultuosa à equipa de todos nós. Com efeito, o órgão oficial referia que «os guineenses de Bissau puseram a nu a falta de conhecimentos de regras de jogo... (referia-se o articulista aos protestos justos dos nossos rapazes aquando da marcação do segundo penalti), que, no entanto, não fez qualquer referência a atitude vergonhosa do Director-Geral dos Desportos togolês que tentou agredir Bracia. O articulista acrescenta dizendo que «alguns não hesitaram atacar o árbitro e os oficiais togolezes. Uma maneira de camuflar a sua ignorância na matéria».

Anfitriões poucos hospitaleiros

A caravana desportiva esteve a estagiar em Conakry de 26 de Abril a 4 de Maio passado. A aposta Conakry não teve os efeitos esperados na medida em que os seleccionados não conseguiram ambientar-se, antes pelo contrário...

A meta Lomé, iniciada em 5 do corrente, o voo especial fez escala técnica em Abidjan (Costa de Marfim) às 12.55 tendo o avião aterrado por volta das 14.45 horas no Aeroporto Internacional de Lomé — Tokoin. A caravana foi então submetida a rotina policial de buscas nas bagagens. Os dirigentes desportivos anfitriões?... Nenhum. No entanto, a caravana lá conseguiu sair do impasse e, numa entrada rumo ao hotel «Ahodikpé-Eboma» na avenida Circulaire. Um hotel em reparações e sem as mínimas condições... a única «graça» que os dirigentes federativos togolezes acharam pregar por, segundo eles, terem sido mal recebidos aquando da sua deslocação ao nosso país. A comida, cheio de piri-piri e mais ingredientes purgativos «relaxaram» a comitiva guineense.

As demarches aturadas feitas pelos responsáveis da equipa de todos nós fez com que a caravana se transferisse para o Hotel «Le Bénin». A blocação esquematizada em todos os sentidos foi acionada. O campo de treino: fechado. Ninguém sabia de nada e cada responsável dizia que não sabia o porquê de tal atitude. A imprensa local estende o braço. A questão nacional acima de tudo. Uma experiência para esquecer.

O Camarada Pio Correia, chefe da nossa delegação, sintetizou a experiência amarga de Lomé: «na sexta-feira, 6, o director-geral dos desportos a pareceu e manifestei-lhe a minha decepção. Fiz-lhe ver a chantagem psicológica que estavam a utilizar e saiu-se com evasivas, não obstante o protocolo ter manifestado que todos os dirigentes estavam ausentes. No dia seguinte, eu, Carlos Edmundo e Armandinho fomos ter com o comandante Nho fam, vice-presidente da comissão nacional olímpica togoleza que teve a amabilidade de telefonar para o hotel «Le Bénin» reservando alojamento para a caravana».

Manifestações em França

Registaram-se na quarta-feira à noite em Paris, Lyon e Bordéus novos incidentes entre a polícia e grupos de jovens manifestantes, que provocaram um número indeterminado de feridos e 52 detidos.

Na capital francesa, depois de uma manifestação de cerca de 600 estudantes contra o «projecto Savary», projecto de reforma do ensino superior do ministro francês da Educação, Alain Savary, grupos de jovens da extrema direita ergueram barricadas e tentaram derubar um autocarro. As forças da polícia intervieram de imediato tendo detido 50 dos manifestantes e ferido um número indeterminado.

Pouco antes das 21h30 a calma tinha voltado ao «Quartier Latin», onde a polícia ainda se mantinha proibindo qualquer aglomeração.

Em Lyon e Bordéus idênticas manifestações tiveram o mesmo desfecho, contando-se 13 feridos na primeira cidade e 11 na segunda.

Por outro lado, Cannes, onde decorre o famoso festival de Cinema, foi o palco escolhido pelos estudantes de medicina, em greve há três meses como protesto contra a reforma do 2.º ciclo dos seus estudos.

Reunião da Linha de Frente em Dar-Es-Salam

Os países da Linha de Frente exigiram quinta-feira em Dar-Es-Salam «a retirada imediata das tropas sul-africanas que ocupam a parte Sul do território angolano».

O comunicado final do encontro que reuniu os presidentes angolano, José Eduardo dos Santos, moçambicano, Samora Machel, zambiano, Kenneth Kaunda, botswanês Quett Masire e o primeiro-ministro zimbabueano Robert Mugabe, rejeita a tese do governo norte-americano de ligar a independência da Na-

míbia à retirada das tropas cubanas estacionadas em Angola.

De acordo com o mesmo comunicado, os dirigentes dos países da Linha de Frente, consideram a presença sul-africana na Namíbia «um desafio às resoluções da ONU, nomeadamente, a 435 do Conselho de Segurança daquele organismo, adoptada em 1978».

Os Estados da Linha de Frente, apelaram ao Conselho de Segurança das Nações Unidas para implementar a resolução

e mandataram os respectivos ministros dos Negócios Estrangeiros a fim de «participarem activamente na reunião do Conselho de Segurança da ONU sobre a Namíbia a ter lugar em Junho próximo».

Aqueles dirigentes africanos reiteraram a sua condenação à política «desestabilizadora» do regime sul-africano na África Austral.

Por outro lado, os Estados da Linha de Frente, lançaram um apelo para que todos os Estados da OUA participem na dé-

cima nona Cimeira da Organização, prevista para Addis-Ababa.

Angola, Moçambique, Zâmbia, Tanzânia, Zimbabué e Botswana pediram a todos os países da África que participem sem condições na Cimeira marcada para Junho, na capital etíope.

Anteriormente, o Senegal também havia lançado um apelo à participação sem condições prévias, de forma a que finalmente se realize a reunião que em 1982 teve de ser adiada por duas vezes, devido à falta de «quorum».

Itália: PCI pede aos socialistas uma aliança de esquerda

O líder comunista italiano Enrico Berlinguer iniciou antontem a campanha eleitoral do seu partido com um apelo aos socialistas para que adiram à aliança de esquerda.

«Num discurso proferido ante o Comité Central», Berlinguer disse que os democratas — cristãos dominantes esperavam por uma viragem à direita que lhes permita governar sozinhos ou forçar os socia-

listas a um papel de subordinação numa coligação.

«Os socialistas sabem isso, mas ainda não se manifestaram claramente contra a possibilidade de renovarem uma aliança de governo com os democratas-cristãos», disse Berlinguer.

O Presidente Sandro Pertini convocou eleições gerais para 26 de Julho, um ano antes da data prevista, após os socialistas terem retira-

do o apoio à coligação de quatro partidos do primeiro-ministro Amintore Fanfani.

Os socialistas, com dez por cento de apoio eleitoral, são a terceira força política italiana, a seguir aos democratas-cristãos. Detêm contudo, chave para qualquer governo dado os democratas-cristãos não terem a maioria absoluta

e se recusarem a aceitar o PCI no governo.

Os socialistas, que divergem dos comunistas em questões internacionais como a da instalação dos novos mísseis da NATO na Europa Ocidental, têm dito que ainda não chegou o momento oportuno para uma aliança com o maior Partido Comunista do Ocidente.

Al Awad pode ter sido o assassino de Sartawi

As declarações de um elemento do grupo de Abu Nidal indicando que o comando que assassinou o líder palestiano Issam Sartawi abandonou Portugal «são falsas» — disse na quarta-feira passada à Anop o responsável da OLP Abdel Khaliq.

O adjunto do chefe da delegação da Organização de Libertação da Palestina em Madrid afirmou que a entrevista, dada em Paris, pelo homem que se autodenomina «camarada Yussef» e disse pertencer ao movimento dissidente pa-

lestiniano Al Fatah «merece pouco crédito».

Para Abdel Khaliq, a polícia portuguesa recolheu elementos suficientes para provar que o indivíduo que se apresenta com o nome de Al Awad esteve «de facto» envolvido no assassinato de

Montechoro, sul de Portugal.

«É possível que o resto do comando tenha saído de Portugal — admitiu Khaliq, para quem, no entanto, os factos provam que o preso «pode ser o executor de Sartawi».

Novo encontro Luanda-Pretória no fim do mês

Angola anunciou que «tudo parece indicar estarem, para breve, novas conversações entre as delegações angolanas e sul-africanas no prosseguimento dos contactos realizados em Dezembro e Fevereiro».

A agência noticiosa ANGOP afirmou que «notícias divulgadas nos últimos dias, de fonte sul-africana, indicam que, no fim do mês em curso, decorrerá um novo encontro entre delegações oficiais dos dois países».

Sobre o assunto, o tenente-coronel Rodrigues (Kito), membro do Bureau Político do MPLA, Partido do Trabalho e ministro do Interior, que tem chefiado a delegação angolana a anteriores encontros, disse à ANGOP que constou ao governo de Luanda, através de terceiros, que existem «de facto, da parte da África do Sul, a intenção de voltar a conferenciar».

«Angola está a aguardar a de-

cisão da África do Sul, porque em princípio, depois do último encontro do Sal, as dúvidas que ficaram, do nosso lado não foram ainda satisfeitas» — afirmou Alexandre Rodrigues, segundo o qual «continuam pendentes as respostas aos problemas postos em Dezembro».

Ainda segundo (Kito) «é a parte sul-africana que deve comunicar quando é que está disponível para voltar a reunir» e «Angola está pronta, a qualquer momento, para o diálogo».

É esta a primeira vez que a República Popular de Angola anuncia publicamente, com alguma antecedência, a eventualidade de ir conferenciar com a República da África do Sul, que continua a ocupar uma parte do seu território.

A notícia surge no mesmo dia em que a informação sul-africana divulgou ser aguardado ainda este mês, em Pretória, o se-

cretário de Estado adjunto norte-americano para os assuntos Africanos, Chester Crocker.

Acerca da sua recente deslocação aos Estados Unidos, o tenente-coronel Alexandre Rodrigues também comentou à A.N.G.O.P. que «Angola não está a mendigar a paz» nem tão pouco abdicou da sua posição de que a independência da Namíbia não se encontra dependente da presença de tropas de Cuba em território angolano.

Para República Popular de Angola — reafirmou o ministro «a retirada das tropas cubanas que aqui se encontram é um problema de Angola e só a este país diz respeito».

A África do Sul, por outro lado, disse que o problema das tropas cubanas em Angola vai ser alvo das conversações que manterá em Pretória com a delegação norte-americana chefiada por Crocker.

ÁFRICA DO SUL

HARARE — O ano de 1982 marcou o recorde na história da África do Sul segundo a envergadura da luta grevista. Apenas de acordo com dados oficiais, foram registadas nas empresas sul-africanas cerca de 400 greves, quer isto dizer, 50 greves a mais do que no ano anterior.

APELO

TRIPOLI — O coronel Kadafi, Presidente da Líbia, apelou aos países árabes para se erguerem firmes contra o regime sionista de Israel, e cessar todas as negociações com este país e os seus apoiantes, por forma a evitar uma eventual guerra civil árabe generalizada.

INSURREIÇÃO

KHARTUM — Segundo o correspondente da revista norte-americana «Newsweek» no Sudão, a nova insurreição popular no sul do país, representa uma ameaça muito séria contra o regime de Nimeiry. Por outro lado, o mesmo jornalista, citando fontes diplomáticas ocidentais, revela que a situação no sul está fora do controlo do regime central de Khartum.

EUROMÍSSEIS

HAIA — O Primeiro-Ministro holandês Ruud Lubbers, declarou-se disposto a pôr em jogo a existência do seu Governo no que se refere à questão dos euromísseis, numa entrevista publicada no semanário «De Tijd».

Ele declarou que o estacionamento na Holanda dos novos mísseis nucleares da NATO não era, do seu ponto de vista, «indispensável de um ponto de vista militar» e que o seu Governo «ainda não decidirá possivelmente este ano sobre o estacionamento».

Conselho de Ministros: **Criada Empresa Nacional de Turismo**

Na sua reunião de quarta-feira passada, o Conselho de Ministros aprovou o projecto que cria a Empresa Nacional de Turismo, encarregada de organizar, promover e desenvolver o turismo na República da Guiné-Bissau, controlar as actividades a elas associadas e outras ligadas ao sector. Esta empresa será dirigida por um director-geral a nomear pelo Conselho de Ministros.

A criação da empresa de Turismo vem ao encontro da importância que se reveste esta área como factor de desenvolvimento, da necessidade do Estado de valorizar os nossos recursos naturais nesse domínio e de criar um instrumento adequado ao desenvolvimento da política do turismo no país. A sua existência tem igualmente em conta que a prática bem estruturada do turismo é um

factor gerador de divisas para o país, o que ajudaria a equilibrar a nossa balança de pagamentos.

Na mesma reunião, dirigida pelo camarada João Bernardo Vieira (Nino), Presidente do CR, e na presença do camarada Primeiro-Ministro, Victor Saúde Maria, foi aprovada a venda de água de mesa e gaseificada pela Companhia Industrial de Cer-

vejas e Refrigerantes (Cicer).

O Conselho de Ministros aprovou igualmente o Estatuto e o projecto de Decreto que cria a Fábrica de Sumos e Compota - Titina Silá, EP sita em Bolama.

Recorde-se que a referida empresa já produzida há muito tempo, sem no entanto possuir um estatuto.

Reuniu-se a Comissão Nacional da CEDEAO

A Comissão Nacional e a Sub-Comissão da CEDEAO (Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental) reuniram-se anteontem à tarde no Secretaria de Estado do Plano e da Cooperação Internacional com o objectivo de elaborarem um memorando a apresentar ao Presidente do Conselho da Revolução, camarada Nino Vieira, visando a próxima Cimeira de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade, a ter lugar de 26 a 29, na cidade de Conakry.

Este memorando relata a situação actual dos programas da CEDEAO, na base dos relatórios e assuntos discutidos pelo Conselho de Ministros da Comunidade, que se reuniu de 5 a 7 do corrente, também em Conakry.

Assistiram à reunião os camaradas Carlos Correia, Ministro do Comércio e Artesanato, Luís Sanea, Secretário de Estado do Plano, Adelino

Mano Queta, Secretário-Geral do Ministério da Economia e Finanças, na ausência do seu Ministro, e técnicos dos vários sectores sócio-económico do país.

Criou-se uma comissão composta por peritos do Plano, Alfândegas, Comércio e Negócios Estrangeiros, supervisionado pelo camarada Mano Queta, que se debruçará sobre redacção do referido memorando que será submetido à discussão da Comissão Nacional da CEDEAO, numa reunião a ter lugar no próximo dia 18, presidida pelo camarada Carlos Correia.

Entretanto, na mesma reunião, o camarada Nicolau Ramon, director-geral dos Serviços das Alfândegas relatou verbalmente os resultados da reunião do Conselho da Administração do Fundo da CEDEAO e do Conselho de Ministros que assistiu recentemente em Conakry.

Novo embaixador dos EUA entregou credenciais

O novo embaixador americano, senhor Wesley, entregou na manhã da passada quinta-feira ao camarada Presidente João Bernardo Vieira as cartas que o acreditam como embaixador dos Estados Unidos da América no nosso país, numa cerimónia realizada no palácio da República.

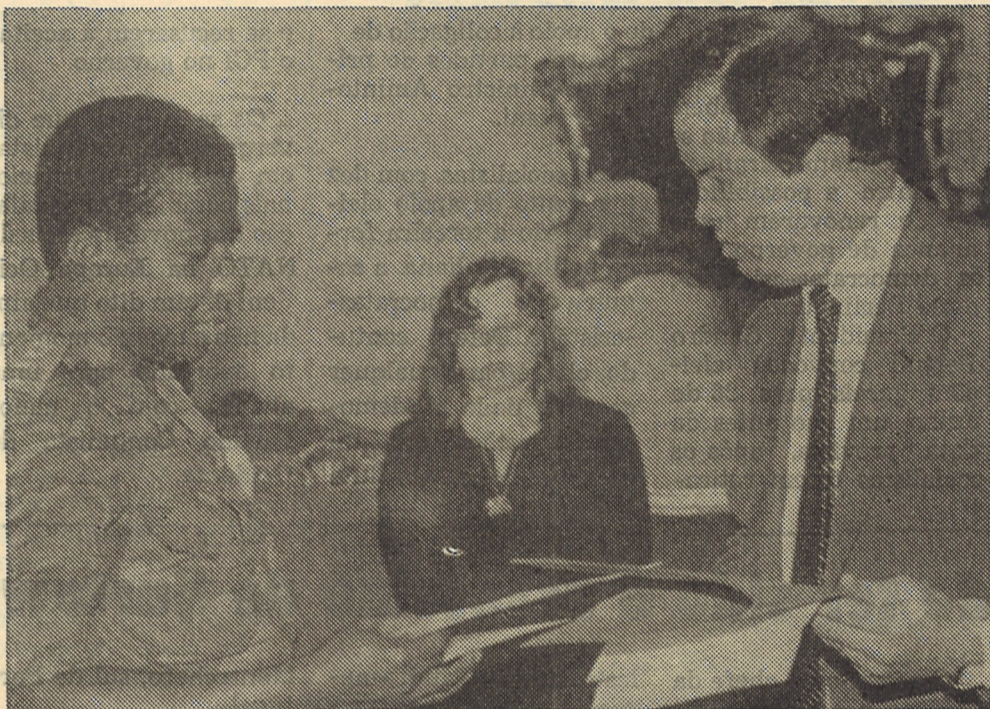
No seu breve discurso, aquele diplomata americano começou por desejar boa saúde ao Presidente Nino Vieira para em seguida manifestar a sua satisfação pelas boas relações que existem entre os nossos dois países. Terminou desejando paz e prosperidade ao povo da Guiné-Bissau.

Estiveram presentes ao acto os camaradas Samba Lamine Mané, do

BP e ministro dos Negócios Estrangeiros, Carlos Correia, do BP e ministro do comércio e Arte-

sanato, Joseph Turpin, suplente do BP e Ministro dos Recursos Natu-

Recorda-se que este diplomata é o quarto embaixador dos Estados Unidos no nosso país.



Apesar da quebra de ritmo

UDIB não vai baixar braços

«A máquina udibista funcionou, nos últimos tempos, quase, quase a cem por cento. Ganhámos ao Sporting no jogo do campeonato e perdemos com eles no da Taça da Guiné, mas todo o «mundo», menos, claro, os sportinguistas, viram como foi. O árbitro, e apesar de se dizer que os treinadores costumam apontá-los como culpados das suas derrotas, teve uma actuação péssima...», quem assim fala é Abraão, treinador da UDIB, nosso representante na Taça Eyadema, prova que agrupa os vice-campeões dos países membros da CEDEAO (Comunidade Económi-

ca dos Estados da África Ocidental).

«Agora como é? — retorquiu — A paragem do campeonato e as pequenas lesões sofridas por alguns elementos preponderantes na equipa, nomeadamente Rucas, Clode e Chico, trouxeram-nos problemas. Perdemos ritmo e não podemos contar com a aplicação a cem por cento dos três elementos atrás citados, nos ensaios gerais que temos vindo a fazer. Mais: cinco elementos que haviam sido chamados para os trabalhos das selecções nacionais júnior e sénior não puderam tomar parte, com certa regularidade, nos nossos treinos».

— Quer dizer isso que vamos ter uma UDIB «coxa»? perguntámos. Resposta pronta:

«Nem por isso. Apesar de todos os pormenores atrás apontados, que nos obrigaram a reduzir a carga dos treinos, incidindo mais no aspecto físico, os meus jogadores estão confiantes e com moral bem alto. As nossas armas talvez não sejam assim tão fortes como as deles, mas vamos tentar aproveitar no máximo a capacidade daqueles que temos, por outras palavras, vamos tentar fazer o melhor possível. Aliás, importa salientar que a UDIB é uma formação que não só faz bons resultados a

nível nacional como internacional, significando este último pormenor que ela não sofre de complexos quando defronta adversários de fora».

Mesmo assim, o resultado (5-0) negativo que a UDIB obteve recentemente frente ao Casa Sport (Senegal) não deixou qualquer marca na equipa, sobretudo no aspecto moral?

«Não há regra sem excepção é o que se costuma dizer. De facto esse jogo foi uma excepção. Confesso com toda a minha franqueza que nunca vi a UDIB jogar tão mal como o fez contra os senegaleses. Talvez isso tenha ficado a

dever, primeiro, à ausência de certas pedras basilares, sobretudo Rucas, que frente às equipas que jogam em profundidade costuma sair-se bem na missão de libero. Os centrais que defrontaram o Casa Sport nenhum deles está habituado a jogar a libero».

— O que é que sabe acerca do vosso adversário?

«Não sei praticamente nada. Apenas que ele tem um dos melhores, senão o melhor estádio da nossa sub-região, com capacidade para 80 mil espectadores. Só isso e mais nada».

— O que é que vos levou a alterar a data do jogo?

«Por causa da selecção «A», que disputou a primeira mão precisamente na data em que o nosso primeiro encontro devia realizar-se. Mas, do que não concordamos, é o sim que os órgãos competentes deram à contra-proposta do nosso adversário, a qual obrigou-nos a disputar a primeira mão no nosso campo, em vez de lá fora, como determinara o sorteio, sem nos consultar. Eles não sabem que colocaram-nos numa posição de desvantagem. É por isso que eu digo: para sairmos desta situação desastrosa é preciso que se faça uma planificação da base ao topo...»

FICHA TÉCNICA — JORNAL «NO PINTCHA»; AV. DO BRASIL, N.º 131 — BISSAU

DIRECTOR: António Soares; CHEFE DE REDACÇÃO EM EXERCÍCIO: João Quintana

REDACÇÃO: Aaleto Alves, António Tavares, Baltazar Beblano, Carolina Morgado, Crístóvão Mango, Faustino Góia, Fernando Jorge, Fernando Perdigão, José Tchalles, Pedro Albino, Simão Abina. MAQUETAGEM: Cândido Camará. FOTOGRAFIA: Agostinho Sá, Casimiro Vehuda, Manuel Costa, Mário Gomes, Pedro Fernandes. SECRETARIA DA REDACÇÃO: Eurídice Gama, Idci Miranda, Ivelte Monteiro.